

O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E O PAPEL DO PROFESSOR*

Luis Antonio Pereira Lima**

RESUMO: No presente trabalho, faz-se uma abordagem crítico-reflexiva sobre a importância do livro didático de geografia no processo de ensino-aprendizagem, como também a perspectiva do aluno e do professor frente aos enfoques apresentados nos livros didáticos de geografia do ensino fundamental. Faz-se breve análise da formação do professor e do uso do livro numa perspectiva de articulação entre os conhecimentos científicos e a realidade sócio-espacial do aluno.

PALAVRAS CHAVE: Ensino de geografia; professor; aluno; livro didático.

ABSTRACT: In this present labor to come an approach critical and reflexive about the importance to geo- graphy's school book in the lawsuit to learning education, as wel ther student's and teacher's perpective front the focus presented us Geography's School book of primaryschool education. Make is brief analysis teacher's vocational education end the use school book in a perspective of the articulation among other scientific's knowledges and the student's reality sociospatial.

KEY WORDS: Geography's education; teacher; student; school book.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado de uma reflexão sobre o uso do livro didático de Geografia no ensino fundamental e está organizado a partir de três eixos discursivos: a) A importância do livro didático de Geografia no processo de ensino-aprendizagem, b) O livro didático na ótica do professor, e c) o livro didático e a formação do professor, enfocando principalmente as perspectivas do aluno e do professor frente às temáticas apresentadas nos livros didáticos de geografia. As dis-

*Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada no ano de 2000 para elaboração de um ensaio monográfico do curso de Especialização em Educação ministrado pela ABEC / Faculdades Montenegro.

**LIMA, Luís Antonio Pereira. Licenciado em Geografia pela UCSal. Especialista em Educação pela ABEC / Faculdades Montenegro. Professor da Faculdade Maria Milza e da Rede Oficial de Ensino do Estado da Bahia.

cussões suscitadas revelam que os livros didáticos, muitas vezes, são impregnados de conteúdos desarticulados da realidade sócio cultural do aluno, tornando-os poucos significativos. Por isso, não atingem os objetivos pedagógicos.

A relação estabelecida, entre a Ciência Geográfica e a matéria de ensino, forma um só conjunto de análise, mas não são iguais. A ciência geográfica constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes às questões de seu objeto de análise, e a matéria de ensino de geografia corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência e de outras que não possuem um lugar específico na grade curricular. O objetivo principal do ensino de geografia é formar cidadão a partir do conhecimento e análise do território, do mundo e de sua realidade e, nesse particular, o atual ensino de Geografia vem passando por um momento de grandes transformações, saindo de um paradigma centrado numa ideologia de uma sociedade harmônica, onde os problemas não existem, os conteúdos dos livros são meras descrições ou simples relatos de fatos fragmentados e isolados da realidade social, para um novo referencial, em que os conteúdos são analisados e a sociedade é vista como principal agente de construção e transformação do seu espaço de vivência.

De acordo com Cavalcanti (1998), duas questões merecem destaque no movimento de renovação no ensino da Geografia, nas duas últimas décadas: a) os modestos efeitos na prática de ensino dos professores de Geografia, comparados com os questionamentos, análises e propostas “renovadas” feitas no nível teórico e; b) a reflexão dessa prática a partir de uma referência didático-pedagógica, também incipiente. A primeira diz respeito a pouca difusão dessas propostas entre os professores do ensino médio e fundamental. Isso é explicado, em parte, pelas condições precárias de trabalho nas escolas, que dificultam o investimento intelectual, e ainda a ineficácia dos programas de capacitação de docentes em serviço e, em parte, por deficiências institucionais das análises e propostas produzidas, em maioria no ambiente restrito das universidades. Quanto aos aspectos didático-pedagógicos das propostas de ensino de Geografia persiste a crença explícita ou não, que para ensinar bem basta o conhecimento do conteúdo da matéria enfocando criticamente.

Os livros didáticos de Geografia tradicionais, ainda muito utilizados, apresentam uma análise descritiva, estática e fragmentada da realidade social sem questionamentos que possibilitem a participação do aluno, e por isso, a maioria não contribui para o exercício da cidadania. A tendência atual aponta para uma necessidade de se pensar o livro didático em um contexto mais amplo, como também a concepção de que o material didático pressupõe um aluno passivo, sem qualquer conhecimento. A presença de estereótipos sociais propõe que os livros didáticos sejam adequados a novas gerações e, também, a novas propostas das formas do pensamento humano levando em consideração as noções que os alunos já possuem dentro das diferentes áreas do conhecimento.

De modo geral, pode-se afirmar que os livros de geografia ainda apresentam uma série de deficiências, como por exemplo, assuntos fragmentados e des-

vinculados da realidade da grande maioria dos estudantes, mas é inegável que os mesmos, nesta última década, têm apresentado algumas modificações. Vale reconhecer que o livro didático de geografia auxilia no processo de ensino-aprendizagem. No entanto é necessário que ocorra um aperfeiçoamento no sentido de adequar o conteúdo à realidade dos alunos.

A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Partindo do princípio de que o livro didático é instrumento pedagógico muito importante na construção da cidadania, deve ser visto como elemento auxiliar na formação crítica do aluno, através das reflexões e análises dos processos sociais de organização do espaço geográfico, possibilitando a sua inserção nesse contexto; a percepção do espaço social dicotomizado e fragmentado, organizado de acordo com os diversos interesses do capital a serviço de uma classe dominante, longe de atender às expectativas do cidadão, e sim produzir um material didático para atender a ideologia do capital industrial, para o qual a Escola tinha o dever de preparar o indivíduo para o trabalho através de cursos profissionalizantes e não preparava o homem para o convívio em sociedade. “O livro, muitas vezes, torna-se um instrumento de alienação ao passar assuntos como se fosse verdade universal ou ideológica particular de seu autor”. (KAERCHER 1999).

Não resta dúvida de que o livro didático possui uma importância fundamental no processo de ensino-aprendizagem, auxiliando o professor na seleção e definição dos conteúdos seqüenciados tornando-se, assim, um instrumento de atualização, e ainda um referencial teórico para que o professor articule conceitos científicos à realidade do educando, a partir dos conhecimentos e experiências vividas por ele, além de nos colocar dentro das discussões dos diversos problemas mundiais (Xenofobia, intolerância raciais, religiosas entre outras).

Diante das exigências do mundo globalizado, em constante e rápida transformação, é necessário que o Professor crie instrumentos que possam auxiliá-lo na adequação dos conteúdos dos livros didáticos, uma vez que os mesmos, na grande maioria, vêm impregnados de valores elitistas, nas suas diversas representações sócio-espaciais, tais instrumentos servirão para desmistificar o conceito de sociedade que possa prescindir do espaço para sobreviver e, construir no aluno, a idéia de que a presença dos seres humanos tem como significado a construção e reconstrução do espaço geográfico a partir das necessidades sócio-econômicas de cada momento histórico e social.

Segundo Santos (1997), os livros didáticos de geografia que abordam, por exemplo, as questões nacionais, na sua maioria, privilegiam um Brasil sem conflitos e sem miséria. Nesse sentido, esses livros não tratam de uma sociedade real movida pelos interesses das classes, e o jogo de poder. Esses compêndios também apresentam uma série de deficiências citadas anteriormente, mas, não é

ainda o ideal para atrair um maior interesse dos alunos. Nota-se ainda uma série de limitações na maioria dos livros didáticos como também certo grau de idealizações ao fazer abordagem de relação harmoniosa entre os homens e natureza, deixando de lado os aspectos que mais a caracteriza, ou seja, o conflito. O mesmo ocorre com referência às questões sócio-espaciais. Segundo Vlach “o bom livro deve levar o aluno a ler e refletir, engendrar conceitos ao invés de recebê-los completamente acabados ou definidos”. (Vlach, 1982, p. 42)

Desta forma, entende-se que os alunos devem construir os conceitos relacionados às propostas do livro didático a partir de sua realidade social. Consta no Guia de livros do MEC:

O Livro Didática sendo parte intrínseca do processo educativo, servindo como um dos instrumentos de que dispõe o professor para seu trabalho didático pedagógico, não deve expressar de forma alguma preconceitos de origem, etnia, gênero, religião, idade ou quaisquer outras formas de discriminações. Assim como em outras disciplinas, em Geografia, as ilustrações tais como mapas, tabelas, quadros, ou outros tipos de ilustrações são responsáveis pela compreensão do conteúdo, precisa-se estar atento para que igualmente não contenha ou explicitem preconceitos. (GUIADO LIVRO DIDÁTICO 2000/2001)

A tendência atual do ensino de Geografia é avaliar o Espaço Geográfico em uma visão crítica a partir da realidade local dos alunos. No entanto, a grande parte dos livros didáticos não está enveredando nesta linha metodológica e, mesmo aqueles que trilham por ela, muitas vezes são manuseados por professores e alunos que ainda vêem a Geografia como disciplina descritiva e decorativa, exigindo memorização e não um entendimento crítico.

Acontece que, em diversos livros, não se percebe uma seleção de conteúdos a qual traga algo significativo e, até mesmo, útil para a vida do estudante. Vesentini (1994) escreve que:

Não há, nos livros didáticos, a preocupação em se adequar à realidade existencial aos quais se dirigem, ou mesmo incorporar os recentes avanços da Ciência Geográfica, mas apenas em seguir o programa oficial. Esses livros não colocam como objetivo o desenvolvimento da criticidade do raciocínio lógico, da sociabilidade ou criatividade no educando. Nota-se aí, uma ausência de percepção da sociedade onde vivem e do papel social da Escola. Os Compêndios Didáticos e o Programa a ser seguido na sala de aula pelo professor, em função da realidade dos seus alunos, devem vir na vanguarda e trazer, a reboque, a legislação e não o inverso, como ocorre. (VESENTINI 1994)

Na questão específica da área estudada, nota-se que os conteúdos de Geografia ainda são trabalhados distantes da realidade dos alunos. O papel do professor, frente aos livros didáticos, tem sido, na maioria das vezes, como um repetidor de seus conteúdos, como se fosse à representação da verdade unilateral. Mas, o livro deve ser usado como um referencial da linha de trabalho do professor, como instrumento que está a serviço dos seus objetivos e propostas de trabalho, na prática não é isso que acontece.

Para Oliveira (1989) o livro didático tornou-se a bíblia dos professores e nem sempre as editoras colocam livros com um mínimo de seriedade e veracidade científica. Diante das diversas exposições e análises provenientes das várias reflexões de diversos estudiosos do tema em questão, conclui-se que o livro didático possui uma grande importância no processo de ensino aprendizagem, mas, essa importância tem sido minimizada por parte de alguns professores que não avaliam criticamente os manuais didáticos, como também pela falta de hábito de leitura por parte da grande maioria dos estudantes.

O LIVRO DIDÁTICO NA ÓTICA DO PROFESSOR

O livro didático de geografia ultimamente tem sido “pivô” de grandes discussões e debates no sentido de justificar sua relevância no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, são discutidos e formulados conceitos que, quase sempre, têm levado os profissionais e estudantes deste ramo de conhecimento a situações de grandes divergências como, por exemplo, a idéia de que a Geografia que se ensina na faculdade é essencialmente diferente daquela que se ensina no Ensino Fundamental e Médio. Ao tentar corrigir isso, levando o conteúdo transmitido no Ensino Superior em cursos de formação de geógrafos até o Ensino Fundamental e Médio, agravou-se ainda mais o problema. Analisando esta posição o livro didático é o grande responsável pelos problemas ideológicos, metodológicos, filosóficos e até factuais do Ensino Fundamental e Médio. Por isso, Oliveira (1989) chegou a afirmar que, os professores utilizam o livro didático como única expressão da verdade, muitas vezes a grande maioria de tais livros sem qualidade aferida ou ratificada pelos Círculos Acadêmicos nas Universidades e pelos professores da Rede Oficial.

A Geografia estuda a sociedade, tendo como laboratório o espaço, e utiliza-se de diversos artifícios para explicar sua dinâmica. É através deste espaço, que a Geografia interpreta a dinâmica social em que se inserem questões naturais, econômicas, sociais, culturais e políticas. Desta forma, o espaço geográfico se apresenta como um elemento criado e criador dos meios de transformação da nossa sociedade. O espaço, portanto, é objeto fundamental de estudo da Geografia e, as suas categorias de análise: Território, Região, Paisagem, Lugar são abordados numa relação multidimensional da sociedade humana. Essa relação com frequência aparece dissociada do ensino de geografia, os docentes continuam a separar a Ciência Geográfica em duas: uma científica, e outra acadêmica. Sendo esta últi-

ma vista como algo pouco significativo. É necessário, até para atingir o objetivo de formar novos cidadãos, veicular no ensino fundamental as transformações e as discussões acadêmicas que movem a Geografia atual. Entretanto, para que isso ocorra, é fundamentalmente importante que o professor não tome o livro didático como à única fonte de expressão do saber científico, transformando-se em mero reproduzidor das idéias e conceitos nele descritos, para depois cobrar dos alunos respostas pré-determinadas. Alves salienta que:

O ideal seria que o professor preparasse sua aula, seu material didático, estimulando seus alunos ao desenvolvimento da capacidade de identificar e refletir sobre os fatos que os cercam, com a utilização de procedimentos científicos que envolvem a problematização, o registro, a observação, a pesquisa, a descrição, a documentação e a análise dos fenômenos que atingem nossa sociedade. (ALVES, 1999, p. 21)

É importante também apresentar outros fatos que influenciam diretamente no estímulo ao uso do livro didático. Embora seja igualmente importante a preparação de materiais didáticos feitos pelo professor, como complementação ou até mesma correção e, ainda articulação entre os conteúdos veiculados pelos livros didáticos e a realidade do aluno. É necessário conhecer a origem ou camada sócio-econômica a que ele pertence. Este conhecimento faz-se indispensável, à medida que existem vários entraves que impossibilitam uma produtividade intelectual maior por parte dos estudantes para responder positivamente aos estímulos através da ação docente.

A atual conjuntura sócio-econômica do país, na qual os desempregados atingem percentuais elevadíssimos, e ainda a baixa remuneração às profissões menos valorizadas que exigem pouca ou nenhuma formação escolar, têm contribuído para o baixo aproveitamento dos alunos das classes pauperizadas, é importante ressaltar que a maioria dos estudantes da rede pública ou na sua totalidade pertence a esse grupo social, cujos problemas de fome, subnutrição, transporte, habitação, saúde, etc, dificultam, ou melhor, retira desse grupo a condição mínima de sobrevivência.

Conforme pesquisa realizada em escolas oficiais de Governador Mangabeira constatou-se que os estudantes não possuem condições mínimas de permanência na escola, bem como motivação para o desenvolvimento das atividades intelectuais e, por isso, professores têm reclamado da falta de objetividade do aluno, não ficando apenas o livro didático como o vilão da história. Observe a colocação dos professores da Rede Pública na cidade de Governador Mangabeira (BA) quando respondem a uma pergunta sobre as dificuldades para ministrar aulas de Geografia:¹

¹Questionários aplicados aos professores da rede oficial sobre o uso do livro didático de geografia em Gov. Mangabeira - BA.

Professor A: “O desinteresse dos alunos em relação à leitura e a falta de uma formação mais reforçada em séries anteriores. Problemas sócio-econômicos como desemprego que se refletem na escola”.

Professor B: “Certa falta de interesse por parte dos alunos em relação à disciplina, por acharem que não tem um maior “valor” como Português, Matemática. A falta de compromisso do aluno em relação às atividades propostas e a questão econômica”.

As respostas dos professores A e B são confirmadas em parte pelos dados coletados no que diz respeito às condições sócio-econômicas.

Nesse sentido, nota-se que existem também livros que no seu caráter ideológico elitista e preconceituoso, não respeitam as diferenças regionais, sociais, etc, propondo um único modelo de abordagem dos conteúdos, minimizando as relações sócio-espaciais, promovendo desta forma, a exclusão social de uma grande parcela da sociedade. É neste entendimento que, quando entrevistados sobre o livro didático, os professores responderam:

Professor A: “O livro deve ser crítico, analítico, com questões abertas e relacionando a realidade de aluno aos avanços da Ciência Geográfica”.

Professor B: “O livro deve estimular o lado crítico do aluno, deve ter questões que estimulem o raciocínio do mesmo e uma linguagem adequada”.

Portanto, o desafio atual é a produção de um livro didático de geografia, que possa trazer no seu bojo, uma nova visão sobre a Geografia, com um método de ensino capaz de produzir conhecimento crítico em parceria com os alunos, para que as aulas dessa disciplina sejam um espaço de reflexão e experiência, e não mais uma disciplina somente teórica, que logo é esquecida pelos alunos.

O LIVRO DIDÁTICO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Ultimamente, a formação do professor tem sido objeto de discussão no meio acadêmico como também nas Associações da sociedade civil, dada às práticas pedagógicas um tanto quanto ultrapassadas que não mais atendem às exigências atuais da Educação. Para atender tais exigências, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, requisita a formação acadêmica (Ensino Superior) em áreas específicas, em curso de Licenciatura para atuar na Educação Básica, no terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A formação acadêmica do professor permite que este tenha embasamento teórico filosófico que lhe possibilite articular os conteúdos específicos à realidade de vivência do educando.

A prática (do professor) em sala de aula frente ao uso do livro didático de Geografia deve ser sempre articulada através dos conteúdos e elementos numa relação existente entre a ação do professor e os determinantes sócio-econômicos da sociedade. Lélis escreve que: “nada adianta ao aluno conhecer a prática desenvolvida pelo professor na sala de aula, se esses elementos não estiverem articulados a outros elementos”. (Lelis, 1993, p. 49).

Tomando por base a colocação de Lelis, os elementos essenciais da educação devem estar obrigatoriamente articulados aos elementos primordiais de construção da sociedade. Vale acrescentar que tal articulação deve surgir a partir de uma educação integral, como também de conhecimentos veiculados por livros didáticos que não desconheçam o processo histórico de construção espacial e nos mostre, por exemplo, a eficiência do saber numa sociedade estratificada, um livro didático que não traga implícito a ideologia de dominantes e dominados, ou seja, que prepara um grupo para exercer funções de liderança no processo produtivo e outro para ocupar funções apenas de produtores liderados (não pensantes). Tal compreensão traz à tona a importância da formação profissional do professor, adequada à sua área de atuação para que possa fazer articulação da ideologia veiculada pelo livro e a real vivência na comunidade a que pertence o aluno.

O simples fato de passar por um curso de formação de professor, ou ainda, um curso de graduação, não o capacita necessariamente para desvendar a complexidade da realidade, é necessário conhecer a essência que lhe deu origem e não os seus efeitos. Nesse particular Saviani indica que:

Há instrumento valioso a ser utilizado no processo de desenvolvimento da realidade, que é a ciência: O educador não pode dispensar-se deste instrumento, sob o risco de se tornar impotente diante da situação com que se defronta. Por isso, a partir do problema dos objetivos, é preciso passar ao estudo das bases científicas da educação. A abordagem deve-se reportar a toda a ciência em que seus cursos estão direcionados ou se relacionam com a educação. Na verdade as diversas ciências tais como a Física, a Química, a Geografia, a Geologia, a Agronomia, a Biologia, a Psicologia, a Antropologia, a Historiografia, a Sociologia, a Economia, a Política são maneiras de abordar determinadas facetas que a ciência recorta na situação em que se insere o homem (SAVIANI 1982 p. 12).

Considerando a especificidade e a realidade do Ensino Fundamental, acredita-se que as ciências aplicadas ao desenvolvimento educacional têm papel essencial na apreensão desta particular realidade, na medida em que, pela sua natureza, deve possibilitar ao professor uma postura reflexiva e crítica, frente à problemática educacional, sem perder de vista a importância do livro didático, buscando a não fragmentação do conhecimento científico numa visão holística.

No universo pesquisado observa-se que 27,28% dos professores apresentam formação específica na sua área de atuação. Desta forma esses docentes possuem a qualificação que os credenciam para ser um crítico do livro didático, mas não é o que acontece. Segundo Oliveira (1992), para que o processo educativo docente caminhe adequadamente, é imprescindível o conhecimento teórico da essência de cada método de ensino estabelecido pela Pedagogia e que se adequar convenientemente ao trabalho docente em Geografia.

Nesse sentido, é através da formação acadêmica que o professor adequa o domínio metodológico, em que se manifestam as habilidades e competências que concernem ao processo de organização do ensino.

Frente à problemática do uso do livro didático, percebe-se a importância da formação acadêmica no que diz respeito à aquisição do domínio metodológico e as habilidades e competências por parte do professor, para conduzir e desenvolver no aluno o interesse e a curiosidade de observar os fatos e fenômenos abordados, e, ao mesmo tempo, fazer a articulação entre estes e sua realidade local, permitindo assim uma leitura própria de mundo, criando seus conceitos próprios a partir das experiências vividas.

As reflexões sobre a formação acadêmica do professor não têm a pretensão de buscar uma reserva de mercado para estes profissionais, nem também restringir a atuação de outros acadêmicos. Mas, acima de tudo, refletir e analisar as questões teórico-metodológicas, e as ideologias transmitidas pelo livro didático e o papel do professor de geografia frente a toda esta parafernália, e os novos valores sociais, culturais e os problemas que despontam no terceiro milênio, como, por exemplo, as questões ambientais, globalização da economia, o avanço das comunicações, e o aumento da pobreza entre povos e países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático de geografia possui uma grande importância no processo de ensino-aprendizagem, mas é minimizada pela dificuldade do professor em manuseá-lo, pela carga de preconceitos encontrados em abordagens de alguns desses livros, e até mesmo a falta de uma abordagem científica dos conceitos teórico-filosóficos. O que deve mudar no livro didático de geografia? O livro de geografia? Apostura metodológica dos professores diante desses referenciais? Com os avanços da Internet, a proliferação de jornais, revistas e demais recursos mediatistas os livros são dispensáveis?

Entende-se que não pode ser descartada a importância do livro didático porque em muitos casos ainda é, e se constitui como o principal referencial para uma parcela significativa de professores e alunos, mas, seguramente é necessário que haja uma mudança tanto nos livros de geografia quanto na postura metodológica dos professores.

REFERÊNCIAS

ALVES, Glória da Anunciação. Cidade, cotidiano e TV: In: CARLOS, A. F. A. ETAL. (Orgs) **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. São Paulo: Contexto, 1999.

BRASIL SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais. História e Geografia / Secretaria do Ensino Fundamental. Brasília, MEC, 1997.

BRASIL SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL. Guia dos Livros Didáticos de 1^a a 4^a séries, PNLD 2000/2001. Brasília, MEC, 2000.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB Fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

CAVALCANTE, Lana de S. “**O ensino crítico de Geografia em Escolas Públicas do Ensino Fundamental**”. Dissertação de Mestrado”. Goiânia, Faculdade de Educação, UFG, 1991.

_____. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas SP, Papirus, 1998.

FREITAG, B. Mota V. & COSTA, W. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo, Cortez, 1994.

FARIA, Ana Lúcia G. de. **Ideologia do Livro Didático**. 11^a ed., São Paulo, Cortez, 1997.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios Geográficos**. Revista Educação. São Paulo, N° 224, pág. 40, 1999.

LELIS, Isabel Alice. **A formação da professora primária: da denúncia ao anúncio**. 2^a ed., São Paulo, Cortez, 1993.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Educação e Ensino da Geografia na realidade brasileira**. Ariovaldo Umbelino de (org.) Para onde vai o Ensino da Geografia? São Paulo, Contexto, 1989

OLIVEIRA, Lucivânio Jatobá de. **Ensino de Geografia**. Série textos básicos de Geografia. UFPE, Recife PE, 1992 mimeo.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 2^a ed., Rio de Janeiro, Record, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **As Teorias da Educação e o Problema da Marginalidade**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo. Fundação Carlos Chagas, agosto de 1982 p.8

19.

VESENTINI, José Willian. **Para uma Geografia crítica na escola**. São Paulo, Ática, 1992.

_____. **O Ensino da Geografia no século XXI**. In. III fala professor. Encontro Nacional de Ensino de Geografia. Presidente Prudente, SP, 1995.

VLACH, Vânia Rúbia F. **Algumas reflexões atinentes ao Livro Didático de Geografia do 1º grau**. In. Anais do V Encontro Nacional de Geógrafos, Porto Alegre, RS, 1982.

Start by marking "Ensino de Geografia. Práticas e textualizações no cotidiano" as Want to Read: Want to Read savingâ€¦
Want to Read.Â Considerado um clássico no tema, este livro traz importantes contribuições para um ensino mais envolvente e significativo, que leve em conta o cotidiano de crianças e jovens. Os autores, especialistas de renome na área, trazem discussões teóricas e reflexões sobre algumas práticas vigentes nas escolas, tais como a memorização de dados, as nomenclaturas difíceis, as Considerado um clássico no tema, este livro traz importantes contribuições para um ensino mais envolvente e significativo, que leve em conta o cotidiano de crianças e jovens.